

INTRODUÇÃO: UMA FARSA EM TRÊS ATOS.

Guilherme Alfradique Klausner¹

A luta pelo esclarecimento é uma luta que se dá em diversas frentes, de diversas formas, mas sempre marcada pelo sofrimento daquele que está se esclarecendo e pelos reveses que, por vezes, podem deixar de ser reveses e se transformar em verdadeiros obstáculos cuja intransponibilidade trai a ideia de progresso ínsita ao processo de esclarecimento. Recrudescido pelo fracasso na superação do obstáculo, o sujeito do esclarecimento então entra em um torpor que, muitas vezes, precede seu fim. No caso de um ser humano, essa concepção de fim não necessariamente implica o extermínio físico, mas o extermínio existencial e, se acompanharmos uma tradição longa da filosofia (talvez a única verdadeira tradição filosófica), rebelde em relação aos valores de nossa época, a instauração de um estado mental no ser que torna a sua vida indigna de ser vivida.

Toynbee identificou esse processo existencial na história das civilizações, e em sua obra magna, *A Study of History*, delineou o conceito de desafio civilizacional, ou seja, um obstáculo, cuja resposta, dada por uma “minoria criativa”, seria o meio de manutenção daquela civilização em sua relevância, se correta. Se errada, o torpor e a eventual morte. Sabiamente, o autor britânico não pretendeu ver na categoria de progresso, necessariamente adotada quando se assume como premissa a história das civilizações como uma história de organismos vivos, algum fim predeterminado. Tudo é, em Toynbee, aberto a variáveis relacionadas às respostas dadas aos desafios.

O Brasil, e, mais que isso, uma quantidade significativa de brasileiros, está diante deste processo de esclarecimento nos últimos cinco anos. Não é um processo com respostas prontas, ao contrário do que muitos pensam (inclusive uma porcentagem significativa de legisladores, juristas, ativistas e cientistas sociais que pretendem, importando modelos, entender e gerir nossa realidade); não é um processo com uma resposta única. Mas é um processo com respostas certas. Essas respostas envolvem diversas formas de pensar propriamente brasileiras e muitas outras macaqueadas por nós de experiências que consideramos próximas a nossa. A maior parte delas me parece falsa.

Anos de martelar em nossas cabeças fez com que ficássemos tontos e com cabeças disformes, porém iguais em sua deformidade. Não são todas iguais, por certo,

¹ Guilherme é pós-graduado pela Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro – EMERJ e mestrando em Teoria e Filosofia do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

mas as semelhanças não conseguem esconder a existência de moldes. É claro, toda educação pressupõe moldes. Mas alguns moldes são moldes de barras, de cadeias e de grilhões, que aprisionam ao invés de libertar. As cabeças dotadas de asas são descendentes de Ícaro, no entanto, e não há de se ver nelas grande virtude. Mas o que faz a virtude de uma cabeça? Através de que método ela pode buscar sua excelência?

Sem dúvida a capacidade de analisar a realidade de forma desapaixonada, não turva, não tendenciosa, não mentirosa, é um primeiro passo. Outro passo é, novamente, sem qualquer dúvida, conectar essa análise à experiência humana – muitos pensadores falham aqui e esquecem de olhar para as pessoas, de tão apaixonados pelas luzes no céu. Qual é a realidade que se pretende analisar? O processo de esclarecimento político do brasileiro. É a isso, de uma forma ou de outra, que esse dossiê se dedica.

Mas não estamos aqui, ainda, olhando para as experiências humanas. O que se olha são os contornos; não se olha, para dizer a verdade, se vislumbra. E por que? Porque, dadas as circunstâncias da escrita de cada um dos textos, era impossível então, como ainda o é hoje, ver o que está diante de nós. O que está diante de nós não é um golpe, não é a democracia funcionando bem, não é o povo reunido clamando pela preservação do bem comum. Nós simplesmente não sabemos o que é, mas não sabemos o que é por nos faltar a capacidade analítica própria para a análise de processos históricos. Algo está acontecendo, e seu sintoma mais facilmente perceptível é que o brasileiro passou a prestar atenção a coisas as quais antes não prestava. Há, então, pode-se seguramente ser dito, um esclarecimento, cujo objeto envolve o conceito do político.

Ora, nas manifestações mais extremas por uma nova constituinte, na discussão acerca do papel do Parlamento, nas críticas e nos elogios e nas apologias feitos ao Supremo Tribunal Federal e às demais instituições judiciárias – em todas essas manifestações estávamos mostrando na verdade a ponta de um *iceberg* que é a opinião de cada um de nós sobre o que é o político. Como não somos todos filósofos, alguns *icebergs* são mais densos e longos do que outros. Nesta coletânea, isso é facilmente perceptível. Mas a grande questão que está relacionada a essa densidade é que, por vezes, mais interessante é a substância da opinião do que quão densamente desenvolvida ela é. Algumas pessoas têm os elementos certos, mas não necessariamente lidam com eles de forma adequada. Outras tem os elementos errados, mas lidam com eles muito bem. Outras não tem nem os elementos nem lidam com eles bem.

Na maior parte das vezes, isso depende do molde da cabeça. É por isso que Toynbee fala das minorias criativas. Se o molde é um molde libertador, se molda a cabeça

como um ponto de interrogação, ao invés de moldá-la como uma exclamação, uma prisão, ou uma cabeça dotada de asas, sem dúvida se está mais perto de achar as respostas, para além dos sonhos e da crueza de um determinismo que limita o pensador a repetir, em suas falas, o que qualquer um pode ver. E o que qualquer um pode ver? Que as coisas não vão bem. Só discordam disso algumas cabeças que já deveriam estar rolando há muito tempo, mas que ficam nos enrolando do Planalto Central.

Mas não vão bem como? Esse dossiê vislumbra isso também. Como os discursos, caquéticos, pobrezinhos, são retirados de seus pensionatos (ou seja, de alguns centros acadêmicos e diretorias de partidos, mas também de algumas casas de famílias quatrocentonas) e jogados no calor do combate como se tivessem vinte anos, só para serem ora estraçalhados pelos seus rivais, ora levantados e carregados em procissão, uma procissão que, no entanto, não tem nada de sacra, mas beira o ridículo: olhem o rei momo! Ele chega cheirando cocaína, pregando a luta de classes ou a união nacional, tanto faz. Só os iludidos que o carregam não sabem que o rei está nu. Ou pior, fingem não saber.

Mas não só nos discursos, e nas discussões que os fomentam, conduzidas por cabeças de moldes estapafúrdios, mora o problema. Nas instituições também. E no poder que corre em suas veias, mas que corre fora delas também. Também a multidão é uma instituição, esse dito “povo soberano”. E ele foi às ruas. E realmente, foi um dilúvio. Mas, seca a Terra, como na história de Noé, não cultivamos os mesmos pecados de nossos pais? E nossa terra não continua assombrada pela escuridão e pela decadência (e pela Morte Vermelha, ou Azul, ou Verde)? Poe sabiamente alerta: não há como se esconder, só há como combater – e provavelmente seremos derrotados. Mas me parece que devemos morrer lutando.

O Brasil, a terra do homem cordial, nunca foi uma terra de paz. Guerreamos tanto e por tantos motivos contra o Reino de Portugal, e depois contra o Império do Brasil, e depois contra a República, que parece que eventualmente cansamos. Mas eu prefiro não pensar assim. Não cansamos, recuamos. Alguns desistiram da causa, sem dúvida, qualquer que ela seja. Mas esse é o momento de reformularmos a estratégia. Mentimos para nós mesmos acerca dos motivos e dos objetivos dos movimentos que, com ou sem a anuência de nossos Papas nas cátedras governamentais ou universitárias, irromperam nas ruas de nossa cidade. Esse dossiê, ainda que perplexo, fala um pouco disso também.

Fomos um pouco tontos (muitas marteladas), mas fomos, e fomos juntos, coisa que não tínhamos feito muitas vezes antes. Nossas respostas, as buscamos ali na rua mesmo, entre rojões e balas de borracha, gás lacrimogênio e palavras de ordem um tanto

fora de lugar. Dos dois lados, amigos e inimigos, vítimas e algozes. Nos faltou, talvez, pensar um pouco mais ali, mas começamos, ora bolas. A voz das nossas minorias criativas foi perdida no clamor da multidão. Já não é melhor do que antes?

Não. Não enquanto tudo continuar assim. Se olharmos agora para trás, fomos todos o mesmo, em 2013, em 2015-16, e, muito provavelmente, em 2018. Carregaram-nos em suas costas e pensamos: a voz da rua, enfim, será ouvida! Bobagem. Tinha até um prenúncio de nossa participação efetiva nestes movimentos pairando sobre a FIESP. Por enquanto, o processo político pelo qual estamos passando é só uma farsa em dois, quase três, atos. É um teatrinho que encenamos, junto com eles lá em Brasília e em cada uma de nossas cidades, para nos enganar – fingir que nós somos cidadãos, que nós somos os donos disso tudo. Ouçamos a voz do Deserto! A voz que denuncia! Não as palavras de ordem, mas os silêncios e os atos, os olhares e os gestos, as aproximações e os distanciamentos. Todos eles falam, mas poucos os entendem.

Tudo aquilo que começou em 2013, e que começou a se formar antes, sabe-se lá quando, talvez em 1500, quando nossa história enquanto povo começou, ainda não acabou. Mas está ameaçando, o seu fim. As respostas erradas parecem a única opção. Não são. A guerra ainda não acabou. Lambamos nossas feridas com os textos aqui contidos e voltemos ao campo, mais esclarecidos e mais cientes de que não presta qualquer resposta, mas também de que não há só uma resposta.

